
O legado de Floch sobre figuratividade, plasticidade e semissimbolismo na revista *Actes Sémiotiques*^{*}

Flavia Karla Ribeiro Santosⁱ

Jean Cristtus Portelaⁱⁱ

Resumo: Neste artigo, investigamos as práticas e as estratégias discursivas utilizadas por Floch na divulgação de sua contribuição científica para os estudos sobre a plasticidade dos textos na revista *Actes Sémiotiques*, de 1970 ao final da década de 1980. Como os trabalhos desse pesquisador traziam resultados, em grande medida, das discussões empreendidas pelos participantes do ateliê de semiótica visual na época, também verificamos como se dá o reconhecimento público de suas ideias (KOERNER, 2014; MOREIRA; SANTOS; PORTELA, 2021) no mesmo periódico. Concluímos que a produção flochiana, no período investigado, está inserida em um clima de opinião muito interessado na elaboração de um aparato teórico-metodológico que possibilite investigar com maior acuidade conceitos operatórios – como figuratividade, semissimbolismo e formante (plástico e figurativo) – relacionados à constituição de uma semiótica planar (mais tarde, visual), o que propiciou uma recepção positiva de suas proposições teóricas pelos membros do GRSL, sendo, dessa forma, assimiladas tanto por visualistas quanto por participantes de outros ateliês e grupos, tornando suas proposições basilares (SANTOS, 2020).

Palavras-chave: *Actes Sémiotiques*; figuratividade; Floch; plasticidade; semissimbolismo.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2023.207619>. Parte deste trabalho é resultado da tese *O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França*, defendida na Unesp de Araraquara com bolsa CAPES – Código de financiamento 001 –, por Flavia Karla Ribeiro Santos em 2020, sob orientação de Jean Cristtus Portela.

ⁱ Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (Unesp-FCL), Araraquara, SP, Brasil. Bolsista Unesp - PROPe. E-mail: flaviakarlar@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9393-2346>.

ⁱⁱ Docente do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (Unesp-FCL), Araraquara, SP, Brasil. E-mail: jean.portela@unesp.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4070-1149>.

Introdução

Com o propósito de divulgar as contribuições dos pesquisadores que compunham o Groupe de Recherches Sémio-linguistiques (GRSL), liderado por A. J. Greimas, em 1977, surgiu, em Paris, o periódico *Actes Sémiotiques (AS)*. Projetado por Anne Hénault, por meio de seus *Bulletins e Documents*, publicava os resultados dos debates sobre conceitos teóricos, metodologia e/ou objetos que interessavam aos analistas com vistas a alcançar o avanço do projeto semiótico. Esses debates eram empreendidos nos encontros do Seminário de Semântica Geral do GRSL a partir de estudos realizados nos ateliês responsáveis pela análise de diferentes tipos de textos verbais, não verbais e sincréticos.

Nesse contexto de produção científica, o ateliê de semiótica planar, ou semiótica visual, liderado por Jean-Marie Floch¹, participou da elaboração de inúmeros conceitos, que se tornaram tanto operatórios na metodologia da disciplina como aplicáveis a todo tipo de manifestação discursiva, entre eles, os conceitos de figuratividade, semissymbolismo e formante, intimamente ligados à construção da plasticidade dos objetos ali analisados. Além disso, resultou, dos trabalhos desse ateliê, a identificação de categorias plásticas de análise, a saber, as relacionadas às cores, às formas e ao espaço, produtoras do sentido não somente em textos visuais (pintura, arquitetura etc.), mas também verbais (como os literários, os políticos, os religiosos, entre outros) e sincréticos, a exemplo da publicidade, seja na construção da figuratividade, em grande medida, a icônica, seja na observação da homologação entre categorias dos dois planos da linguagem (relações semissimbólicas).

Embora os desenvolvimentos teóricos no ateliê de semiótica visual decorram de um trabalho conjunto, tendo em vista contar com a colaboração de pesquisadores como “Félix Thürlemann, Denis Alkan, Diana Luz Pessoa de Barros, Ada Dewes, Alain Vergniaud” (GREIMAS, 1984, p. 3) e Abraham Zemsz, para citar alguns, é sobretudo a literatura produzida por Floch que é tomada como baliza por muitos semioticistas que se ocupam da plasticidade dos textos, como vemos em Antonio Vicente Pietroforte (2004, p. 9) – “Este trabalho é motivado pelos estudos de J. M. Floch, em especial pela obra *Petites mythologies de l’œil et de l’esprit*.”² –, Maria Giulia Dondero (2020, p. 2, tradução nossa³) – “O objetivo deste livro é abordar as imagens por meio de uma perspectiva semiótica

¹ O pesquisador responsável por reunir os membros do ateliê pela primeira vez foi Abraham Zemsz, autor de *Les optiques cohérentes* (1967). Somente depois a coordenação foi assumida por Floch (GREIMAS, 1984; OLIVEIRA, 2004), que liderou o ateliê “[...] por mais de três décadas [...]” (OLIVEIRA, 2004, p. 15).

² Obra publicada pelo autor em 1985.

³ Trecho original: “The objective of this book is to address images by means of a renewed semiotic perspective. This is a perspective which seeks to be complementary to the one adopted by French semiotician Floch (1985, 1986)”.

renovada [...] que procura ser complementar à adotada pelo semiótico francês Floch (1985, 1986)” – e Ana Claudia de Oliveira (2004, p. 7):

A Jean-Marie Floch
pela semiótica plástica
pelas instigações desafiantes
pelos tantos encontros.

Essa contribuição flochiana corresponde a ideias consolidadas em obras que se tornaram referência em estudos realizados décadas depois de virem a lume⁴, publicadas nos anos 1980.

Segundo Greimas (1981 [1976], p. 3, grifo do autor), a produção do conhecimento é um processo, ou seja, “[...] um *fazer* científico que se manifesta, de maneira sempre incompleta e frequentemente defeituosa, nos discursos que produz, e que só são reconhecíveis [...]” na microcultura de especialistas em que está inserido. A diferença entre os livros, a exemplo dos mencionados em Pietroforte (2004), Dondero (2020) e Oliveira (2004), e os artigos, é que aqueles consistem na solidificação de retomadas, reformulações e possíveis rupturas teóricas previamente colocadas em avaliação pelos pares nestes últimos, ou seja, os livros comportam a adesão a um pensamento por parte dos pares, que é medida, *a priori*, pelo aceite prévio para ser publicado em um periódico (ALTMAN, 1998). Conscientes, desse modo, da aceitação das propostas teóricas de Floch pela comunidade de semióticos, neste artigo, examinamos, em publicações desse pesquisador na revista *Actes Sémiotiques*, de 1978 a 1987, as práticas e as estratégias utilizadas por ele na elaboração dos parâmetros de investigação semiótica, acompanhando os desdobramentos das discussões empreendidas pelos visualistas que participavam do ateliê de semiótica visual na época, a fim de identificarmos como foi construída, discursiva e cientificamente, a sua contribuição, concernente ao exame das categorias plásticas, à economia geral da teoria.

Em nosso entendimento, a produção de Floch reflete desdobramentos teóricos que delineiam um clima de opinião⁵ e suas ideias acabaram sendo assimiladas pelos membros do grupo, participantes ou não do mesmo ateliê, por isso, tornando suas proposições basilares. Essas proposições, segundo Santos (2020), são as contribuições teórico-metodológicas que se tornam discurso

⁴ Referimo-nos a *Petites mythologies* (1985) e *Les formes de l’empreinte* (1986), citados por Pietroforte (2004) e Dondero (2020), respectivamente.

⁵ O termo *clima de opinião*, originalmente *climate of opinion*, integra a metalinguagem da Historiografia Linguística (HL), tendo sido emprestado do historiador estadunidense Carl Lotus Becker. A HL define o *clima de opinião* como “o contexto social e histórico, a atmosfera intelectual de determinado período em que certas propostas foram trazidas à discussão” (BATISTA, 2013, p. 75-76). Logo, no presente estudo, está associado ao fato de que, nos anos 1970-80, havia um número considerável de pesquisadores com interesse no objeto visual e com dúvidas sobre como analisá-lo que foram respondidas pelas contribuições de Floch.

referencial de pesquisas dentro de uma comunidade científica, visto que, para além da produção científica do grupo de especialidade⁶ em que surgem, são retomadas em trabalhos e debates teóricos de outros grupos de especialidades. Não bastasse isso, perpassam gerações de pesquisadores daquela especialidade. As contribuições de Floch no âmbito da figuratividade, do semissimbolismo, da plasticidade (formantes e categorias plásticas), nesse sentido, são relevantes porque passaram a constituir a metalinguagem da semiótica e a participar de análises desenvolvidas tanto no ateliê de semiótica visual como, de forma mais ampla, no GRSL, e, concomitantemente, tornaram-se referencial teórico de trabalhos publicados por pesquisadores de outros grupos de semiótica⁷.

Assim, interessa-nos ainda demonstrar como as ideias flochianas ressoam no GRSL, no período investigado, mediante identificação de reconhecimento público de suas proposições, conforme Koerner (2014) e Moreira, Santos e Portela (2021), na AS. O reconhecimento público, segundo Koerner (2014, p. 102), corresponde às “referências diretas de um autor às obras de outros”, sendo, desse modo, “provavelmente a prova mais importante a favor de uma reivindicação de influência” e as obras que um autor menciona, publicadas ou não, revelam a “existência real de um impacto sobre o seu pensamento por aqueles” a quem se referiu.

Para chegarmos às práticas e às estratégias flochianas de elaboração de alguns parâmetros de investigação da figuratividade, do semissimbolismo e da plasticidade –, vejamos, a seguir, como as pesquisas se desenvolvem no ateliê de semiótica planar/visual e, em seguida, como o próprio semioticista apresenta as ideias ali desenvolvidas na revista do GRSL.

1. O ateliê de semiótica planar (ou visual)

Em 1978, no *Bulletin* nº 6, “Pour une sémiotique des passions”, algumas páginas são dedicadas à apresentação dos ateliês do GRSL. Sendo Floch o representante do ateliê de semiótica planar, é o autor do texto “Compte-rendu

⁶ O termo *grupo de especialidade* é emprestado de Murray (1994) e corresponde à reunião de cientistas que mantêm uma relação de afinidade teórico-intelectual com vistas a atingir um objetivo científico comum. Além da relação estabelecida entre si, esses pesquisadores “precisam se reconhecer como membros da mesma comunidade científica, dividir os mesmos valores e atuar como uma unidade em dado campo científico” (SANTOS, 2020, p. 69).

⁷ Citamos Diana Barros e Ignacio Assis Silva que, no período em que foram membros do Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas (CESAJG), no Brasil, também atuaram no GRSL e publicaram trabalhos embasados nas ideias flochianas; o Groupe μ , de Liège (Bélgica), cujo *Traité du signe visuel* (1992) também retoma os trabalhos do autor; Lucia Corrain e Mario Valenti (1991) que, na coletânea *Leggere l'opera d'arte: Dal figurativo all'astratto*, publicam um texto flochiano, além de Valenti, na introdução, exaltar o papel da semiótica planar ao identificar categorias visuais relacionadas a dada cultura conforme interroga sobre a relação entre o plano da expressão e a manifestação da significação; Isabella Pezzini, que já ocupou o cargo de presidente da Associazione Italiana di Studi Semiotici (AISS), é a atual presidente da Federação Românica de Semiótica (FedRoS) e publicou *Immagini quotidiane: sociosemiotica visuale* em 2008, obra que também faz referência a Floch.

des activités de l'atelier de sémiotique planaire". O fato de ser responsável por divulgar as atividades do ateliê já deixa claro, de início, o seu papel de líder intelectual (MURRAY, 1994)⁸ desse grupo englobado pelo GRSL. Outra prova disso está na publicação do *Bulletin* nº 4-5, "Sémiotique visuelle", que não somente é organizado por Floch, como tem texto introdutório ("Introduction") e artigo de abertura de sua autoria.

Na introdução desse *Bulletin* nº 4-5, consta a informação de que as propostas publicadas no primeiro texto, "Quelques positions pour une sémiotique visuelle", embora ainda "gerais" e "pouco aprofundadas", servem para "assegurar a homogeneidade relativa do grupo" à medida que demarcam o lugar da semiótica visual em relação à semiologia da imagem, mais ligada à vertente barthesiana, garantindo a sua integração à semiótica que Floch (1978a, p. 1) chama de "geral". Como o pesquisador não se coloca como autor do primeiro texto na "Introduction", apenas deixa o registro de que o trabalho traz à luz os resultados dos debates realizados no ateliê, tem-se a produção do efeito de sentido de que as ideias são do grupo. Essa escolha de não atribuir a si mesmo a autoria de tais propostas de forma imediata é reveladora de duas estratégias: (a) de exaltação do trabalho coletivo e (b) de garantia de ratificação das propostas ali presentes por, pelo menos, parte do GRSL (o "nós", membros do ateliê de semiótica planar). Dessa forma, enquanto líder intelectual, ele se torna tanto o responsável por organizar as ideias daqueles que estão em seu entorno, o que pode ser observado em Floch (1978b), quanto referência para os membros do ateliê que lidera e para os pesquisadores de outros ateliês, e ainda de outros grupos.

O texto publicado no *Bulletin* nº 6, além disso, revela como a prática científica ocorre naquele meio, bem como a estratégia que ali vigora para obtenção de resultados de pesquisa de modo que a contribuição reflita a identidade daquele ateliê. De acordo com o pesquisador, no início do ano, não há imposição de um *corpus* comum a ser analisado. Assim, a cada participante é dada a liberdade de apresentar a análise do objeto de sua escolha, o que resulta em uma diversidade de tipos de textos analisados. Entretanto, a partir do contato dos novos membros com participantes mais antigos, o núcleo permanente do ateliê, tem-se o estabelecimento e a confirmação das "[...] posições metodológicas comuns necessárias à relativa homogeneidade do grupo, preocupação constante" (FLOCH, 1978c, p. 17, tradução nossa⁹).

⁸ Em um grupo de especialidade, o papel de líder intelectual pode ser exercido por mais de um pesquisador. Trata-se de profissional cujo reconhecimento positivo de suas ideias pelo grupo faz com que ele passe a atuar como destinador do fazer desse sujeito coletivo (SANTOS, 2020). Entendemos que Greimas é líder intelectual do GRSL, isto é, ele lidera todos os semioticistas (e os ateliês, conseqüentemente), mas, no ateliê de semiótica planar/visual, é Floch quem exerce esse papel.

⁹ Trecho original: "[...] positions méthodologiques communes nécessaires à la relative homogénéité du groupe, souci constant".

As palavras de Floch (1978c) evidenciam que a realização de análises e a sua consequente apresentação aos colegas do ateliê é uma prática relacionada ao fazer científico já estabelecida naquele espaço de produção do saber, assim como as trocas de ideias entre membros novos e antigos. Tais práticas revelam, por outro lado, algumas estratégias necessárias à construção de uma identidade do grupo. A oportunidade de apresentar análises de quaisquer textos faz com que os novos membros se sintam acolhidos pelo grupo e, ao mesmo tempo, possibilita que pesquisadores mais e menos experientes, ou então, até o momento mais ou menos interessados nos aspectos relacionados à visualidade, compartilhem conhecimento e ideias e, assim, descubram interesses e posicionamentos teórico-metodológicos comuns, o que leva à conquista da “homogeneidade do grupo”, reiterando expressão presente na introdução do *Bulletin* nº 4-5, e demonstrando, em termos historiográficos, o surgimento de um clima de opinião sobre o que é necessário à análise de um objeto visual.

Floch (1978c) ainda afirma que estudos realizados por Félix Thürlemann e Denis Alkan, depois de dois anos, revelaram que o exame da visualidade de um texto exige a construção do plano da manifestação do objeto planar em estudo e que esse tipo de análise precisa se valer de uma metalinguagem descritiva, portanto, metodológica, constituída de conceitos operatórios e de uma terminologia restrita. A elaboração dessa metalinguagem, contudo, é um objetivo a ser alcançado e uma tarefa ainda difícil de realizar no exercício de 1977/1978. Apesar disso, esse período “[...] foi também um ano marcante no sentido de que uma série de reflexões e estudos sobre a cor e a problemática do estatuto semiótico dos elementos cromáticos dos objetos planares foi iniciada” (FLOCH, 1978c, p. 17, tradução nossa¹⁰).

De fato, esse avanço pode ser comprovado a partir da publicação desses apontamentos teóricos iniciais relacionados ao papel do cromatismo na construção não só do sentido, mas também da plasticidade dos textos, em Floch (1978b) e Thürlemann (1978a), bem como a aplicação dessa metodologia em análise do plano da expressão de um catálogo de exposição (THÜRLEMANN, 1978b), no *Bulletin* nº 4-5. Não bastasse isso, nos anos seguintes, essa teorização inicial dará lugar a uma metalinguagem própria ao estudo da visualidade nos objetos, à medida que conceitos operatórios passam a constituir uma terminologia inerente à investigação semiótica dos objetos verbais, visuais e sincréticos. Referimo-nos à contribuição flochiana para as investigações em torno da figuratividade, da plasticidade e do semissimbolismo. Vejamos, na próxima seção, como isso acontece nos textos publicados por esse semiotista nos *Bulletins* e nos *Documents* da AS.

¹⁰ Trecho original: “[...] était aussi une année charnière en ce sens qu'a été amorcée une série de réflexions et d'études sur la couleur et la problématique des statuts sémiotiques des éléments chromatiques des objets planaires”.

2. Metalinguagem e aparato teórico-metodológico

Para verificarmos como Floch contribui para a construção e o estabelecimento desses conceitos na economia geral da teoria no periódico do GRSL, foi preciso selecionar os trabalhos a serem analisados. Essa seleção foi realizada a partir de um levantamento dos textos publicados pelo autor na *AS*, tendo sido verificada a publicação de sete comunicações científicas nos *Bulletins* e três nos *Documents*, conforme os Quadros 1 e 2, totalizando dez trabalhos.

Quadro 1: Textos de Floch nos *Bulletins*.

Nº	<i>Bulletin</i>	Artigo	Ano
4-5	Sémiotique visuelle ¹¹	Quelques positions pour une sémiotique visuelle	1978
18	Parcours et espace	Sur l'usage du terme parcours dans le discours sémiotique	1981
23	Figures de la manipulation	L'iconicité : enjeu d'une énonciation manipulatoire (Analyse sémiotique d'une photographie de R. Doisneau)	1982
26	La figurativité II	Figures, iconicité et plasticité	1983
27	Sémiotiques syncrétiques. Activités du G.R.S.L (1983-1984) ¹²	Stratégies de communication syncrétique et procédures de syncrétisation	1983
37	Variations sur le discours publicitaire	Lettre aux sémioticiens de la terre ferme	1986
44	L'art abstrait ¹³	Bricolage plastique, abstraction classique et abstraction baroque	1987

Fonte: Elaboração própria.

¹¹ Número organizado por Jean-Marie Floch.

¹² Número organizado por Jean-Marie Floch.

¹³ Número organizado por Jean-Marie Floch e Luc Régis.

Quadro 2: Textos de Floch nos *Documents*.

Nº	<i>Documents</i>	Artigo	Ano
6	Des couleurs du monde au discours poétique	Des couleurs du monde au discours poétique de leurs qualités – Analyse de l’univers chromatique du roman d’Ernst Jünger <i>Sur les falaises de marbre</i> (1939)	1979
26	Sémiotique plastique et langage publicitaire	Sémiotique plastique et langage publicitaire – Analyse d’une annonce de la campagne de lancement de la cigarette “News”	1981
87	La génération d’un espace commercial	La génération d’un espace commercial – Une expérience de “pratique sémiotique”	1987

Fonte: Elaboração própria.

Entretanto, nem todos os trabalhos publicados nos *Bulletins* tratam da figuratividade e/ou da plasticidade e/ou do semissimbolismo, motivo pelo qual optamos por não os examinar neste artigo, caso de: “Sur l’usage du terme parcours dans le discours sémiotique”, publicado no número 18 – “Parcours et espace”; e “Lettre aux sémioticiens de la terre ferme”, publicado no número 37 – “Variations sur le discours publicitaire”. Há outros textos que não abordam pelo menos um desses conceitos de forma um pouco mais aprofundada, ou acrescentam, na nossa perspectiva, dados relevantes a esta proposta de investigação. Enquadram-se nesse grupo: “Stratégies de communication synchrétique et procédures de synchrétisation”, publicado no *Bulletin* nº 27 – “Sémiotiques synchrétiques. Activités du G.R.S.L (1983-1984)”; “La génération d’un espace commercial – Une expérience de ‘pratique sémiotique’”, publicado nos *Documents* nº 87. Excluímos também da análise o texto “L’iconicité : enjeu d’une énonciation manipulatoire (Analyse sémiotique d’une photographie de R. Doisneau)”, publicado no *Bulletin* nº 23 – “Figures de la manipulation”, pois, apesar de concorrer para o estudo da figuratividade e de apresentar uma análise de um texto pictórico, essa contribuição não está articulada a aspectos propriamente plásticos ou semissimbólicos.

Os textos selecionados serão analisados em ordem cronológica de publicação. Assim, será possível observar como os elementos da metalinguagem relacionada aos aspectos visuais e plásticos das semióticas-objeto foram sendo apresentados por Floch na revista entre 1978 e 1987.

2.1 O plástico, o figurativo e os planos da linguagem

Retomando o trabalho “Quelques positions pour une sémiotique visuelle” (FLOCH, 1978b), publicado no *Bulletin* nº 4-5, em que se destaca a preocupação com os efeitos de sentido produzidos pelas cores, já encontramos, de forma esparsa e ainda incipiente, alguns termos que, em maior ou menor medida, constituem, ou constituíram, a terminologia do que hoje chamamos de semiótica visual: figuratividade, formantes, manifestação visual, semióticas sincréticas, linguagens visuais, semiótica poética, sistema simbólico e semissimbólico, significante, expressão, iconicidade, categorias cromáticas, entre outras. Ao discorrer sobre a iconicidade nos textos visuais, o autor chama atenção para o papel da figuratividade na construção dos sentidos, porém precisamos esclarecer que, nesse momento, o conceito ainda está associado apenas ao nível superficial do percurso gerativo, em oposição à abstração, situada no nível profundo¹⁴. Ele chega a destacar que tais conceitos (figuratividade e abstração) são chamados a compor o que chama de “prática semiótica” de análise, tendo em vista considerar que já não são mais considerados “qualidades intrínsecas da imagem” (FLOCH, 1978b, p. 5)¹⁵.

Assim, de um ponto de vista metodológico, Floch (1978b) propõe que o estudo semiótico sobre as cores considere o plano da expressão de um objeto planar como sendo composto de dois níveis, ou seja, no nível profundo estariam instaladas as *categorias cromáticas* (que constituiriam os traços cromáticos – seriam valores, como a oposição entre o claro e o escuro), e, no nível superficial, as “figuras¹⁶ cromáticas ou [os] ‘tons’” (produtos das combinatórias de traços cromáticos), bem como os *formantes cromáticos* (produtos das combinatórias de tonalidades – o branco com o violeta, por exemplo).

Com um olhar direcionado para o significante, em busca de integrar a semiótica visual à economia geral do projeto greimasiano mediante estabelecimento de procedimentos comuns de análise, a proposta do ateliê também considera a afirmação de Greimas (1975 [1970]), em *Sobre o sentido*, de que os planos da expressão e do conteúdo podem ser correlacionados por meio do uso concomitante dos procedimentos de verificação, no nível do significante, e de descrição da significação. Dessa maneira, o significante, sendo

¹⁴ No *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 211-212), a figuratividade é entendida como um dos patamares da figurativização, responsável por produzir a iconicidade, ou seja, o efeito de realidade, integrando, assim, a superficialidade do discurso, que diz respeito ao nível discursivo. Ela está em oposição à figuração (instalação das figuras semióticas), outro patamar da figurativização. Somente no tomo II do *Dicionário*, Rastier, Bertrand e Floch (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 90-91) estabelecem que a figuratividade é produtora do sentido em todos os níveis do percurso gerativo e responsável por interligá-los.

¹⁵ O conceito de figuratividade foi emprestado da teoria estética (BERTRAND, 1983), embasando-se sobretudo nos estudos panofskyanos sobre iconologia e iconografia (COURTÉS, 1986).

¹⁶ Em Floch (1978b), quando o termo *figura* relaciona-se a apenas um plano da linguagem, é entendido no sentido hjelmsleviano – enquanto não signo, podendo ser figura da expressão ou figura do conteúdo. Se há semiose, a figura equivale a um signo, no sentido greimasiano.

constituído de categorias próprias, poderia significar tal qual o significado, só que obedecendo a uma organização lógico-semântica da forma. Sua hipótese seria a de que, seguindo uma lógica concreta, isto é, figurativa,

Levar em consideração o significado investido nas categorias utilizadas pelo significante visual talvez permita compreender [...] como, em certos tipos de universos plásticos, o conteúdo das pinturas ou imagens (lendas, narrativas, alegorias...) está ligado à sua expressão por cores, linhas, formas particulares [...]; as formas iconizadas, a cena representada seriam apenas o pretexto “figurativo” para transmitir “o que querem dizer” as cores e as linhas. (FLOCH, 1978b, p. 13, tradução nossa¹⁷).

Na lógica abstrata, a linguagem das cores, das linhas e dos planos seria constituída em um *sistema semissimbólico*. Essas linguagens, segundo o autor, conforme sugestão de Greimas, deveriam ser chamadas de *linguagens molares*, tendo em vista serem definíveis “[...] pela conformidade das categorias – e não dos elementos isolados – de expressão e conteúdo” (FLOCH, 1978b, p. 13, tradução nossa¹⁸). Não é possível afirmar se Floch faz referência a uma obra ou a um comentário oral de Greimas, pois não há informações em seu texto sobre ano ou sobre o trabalho citado – “A pintura abstrata [...] constituiria a linguagem das cores, das linhas e dos planos em um ‘sistema simbólico’ ou mais certamente ‘semissimbólico’ [...] Seguindo A. J. Greimas chamaremos essas linguagens de ‘linguagens molares’ [...]” (FLOCH, 1978b, p. 13, tradução nossa¹⁹). Encontramos registro textual sobre as linguagens molares, por outro lado, no verbete “semiótica” do *Dicionário* (1986) publicado por Greimas e Courtés somente no ano seguinte.

Esse texto de Floch (1978b) parece, portanto, ser a base para a elaboração do conceito de formantes, plásticos e figurativos, e para a teorização sobre o papel das categorias plásticas (já se observa aqui um olhar para as linhas e as propriedades topológicas, ou os planos) na construção da plasticidade das semióticas-objeto e dos sistemas semissimbólicos, estes últimos, embrionários em *Sobre o sentido* (GREIMAS, 1975 [1970]). Além disso, todas essas observações iniciais sobre como as categorias cromáticas e a figuratividade operam juntas na produção dos sentidos nos textos, sem deixar de lado a relação

¹⁷ Trecho original: “La prise en considération du sens investi dans les catégories utilisées pour le signifiant visuel pourrait peut-être faire comprendre [...] comment, dans certains types d’univers plastiques, le contenu des tableaux ou des images (légendes, récits, allégories...) est lié à son expression par des couleurs, des lignes, des formes particulières [...]; les formes iconisées, la scène représentée ne seraient que le prétexte ‘figuratif’ à faire passer la ‘parole’ des couleurs et des lignes”.

¹⁸ Trecho original: “[...] par la conformité des catégories – et non des éléments isolés – de l’expression et du contenu”.

¹⁹ Trecho original: “La peinture abstraite [...] aurait constitué le langage des couleurs, des lignes et des plans en un ‘système symbolique’ ou plus certainement ‘semi-symbolique’ [...] A la suite d’A. J. Greimas, nous appellerons ces langages des ‘langages molaires’ [...]”.

estabelecida entre os planos da linguagem nesse processo, vão ecoar no texto de Greimas, “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”, publicado somente em 1984, nos *Documents* nº 60, porém escrito em 1978, como revela a data ao lado da assinatura do líder do GRSL no final do artigo: “A. J. Greimas 1978” (GREIMAS, 1984, p. 24).

Dando continuidade à elaboração de uma metalinguagem particular ao exame de textos visuais, Floch publica “Des couleurs du monde au discours poétique” nos *Documents* nº 6, em 1979. Nesse trabalho, cujo *corpus*, curiosamente, é um romance, portanto, um texto verbal, é analisado o universo cromático do romance *Sur les falaises de marbre*, de Ernst Jünger (1939), e a figuratividade é convocada no exame da organização figurativa icônica da paisagem observada, bem como das situações e dos eventos encenados em vista do estabelecimento de um contrato veridictório a partir do qual o narrador e seu acompanhante reconhecem a existência de uma vida dita profunda. Para o autor, na superfície do discurso por ele examinado, “os objetos ou as paisagens que constituem a figuratividade que os dois sujeitos observam são correlativamente dotados de qualidades cromáticas cuja manifestação é assegurada pelas cores” (FLOCH, 1979, p. 11, tradução nossa²⁰).

Seguindo essa perspectiva, Floch (1979) mostra como as qualidades cromáticas são organizadas para homologar os valores veridictórios no romance: “O cromatismo mantém o seu próprio discurso. Formantes figurativos, as cores são utilizadas a fim de constituir os formantes plásticos cromáticos do discurso da veridicção” (FLOCH, 1979, p. 12, tradução nossa²¹). Vemos, nessa citação, um amadurecimento tanto da metalinguagem como teórico, na medida em que dois conceitos são teorizados e aplicados a uma análise, os formantes figurativos e os formantes plásticos, que se distinguem, sobretudo, pelo modo como operam na construção dos efeitos de sentido. Resumidamente, os formantes figurativos necessitam de uma grade de leitura do mundo natural para fazerem sentido, por isso são responsáveis por reunir traços visuais que foram transformados nos signos-objetos que serão reconhecidos pelo enunciatário. Já os formantes plásticos, tomando de empréstimo as palavras de Floch (1979, p. 28, tradução nossa²²), “[...] são organizações particulares do significante que não se colocam a significar pela aplicação dessa grade de leitura, mas servem de pretextos para investimentos de outras significações, mais abstratas e que são, no caso desse romance, de natureza modal-veridictória”.

²⁰ Trecho original: “Les objets ou les paysages qui constituent la figurativité de ce qu’observent les deux sujets sont corrélativement dotés de qualités chromatiques dont les couleurs assurent la manifestation”.

²¹ Trecho original: “Le chromatisme tiendra son propre discours. Formants figuratifs, les couleurs seront utilisées afin de constituer les formants plastiques chromatiques du discours de la véridiction”.

²² Trecho original: “[...] sont des organisations particulières du signifiant qui ne se mettent pas à signifier par l’application de cette grille de lecture mais servent de ‘prétextes’ à des investissements de significations autres, plus abstraits et qui sont dans le cas de ce roman de nature modale-véridictoire”.

A construção da plasticidade, por sua vez, começa a ser então mais delineada a partir desse avanço conceitual, uma vez que o pesquisador entende que os formantes figurativos, nesse caso se referindo ao desenho e à cor, “[...] obedecem a princípios de organização autônoma constituindo-se em formantes plásticos que permitem falar de *linguagem plástica*” (FLOCH, 1979, p. 28, grifos do autor, tradução nossa²³). Nesse sentido, a identificação da existência de uma linguagem plástica e também de uma “poesia visual” tanto contribui para a teorização da metodologia de análise de textos visuais, como para o estudo da figuratividade, em desenvolvimento no final dos anos 1970.

Entendendo que suas proposições ainda são objeto de debate entre os semioticistas do GRSL, ao final do texto, a fim de evitar recusa imediata às suas ideias, Floch (1979), estrategicamente, sugere que o *Documents* nº 6 seja considerado um documento de trabalho. Ele também destaca algumas hipóteses que podem vir a ser mais detidamente investigadas e debatidas no ateliê e no grupo: propõe que textos verbais podem ser plásticos, assim como a poesia pode ser visual, ou sensorial, e que a distinção entre formantes plásticos e formantes figurativos pode levar à constituição de uma “linguagem outra”. Tais propostas são referendadas posteriormente, em Greimas (1984).

Em 1981, é publicado “Sémiotique plastique et langage publicitaire” nos *Documents* nº 26. O texto escolhido para análise, desta vez, é publicitário, deixando entrever a asserção final ao contrato de busca por uma teoria do visual, estratégia de manutenção da homogeneidade não só teórico-metodológica, mas também de escolha de *corpus* a ser analisado. A performance aqui realizada já comporta os três elementos da teoria semiótica por nós investigados nesta pesquisa: semissimbolismo, figuratividade e plasticidade, sendo, esta última, representada por seus constituintes, ou seja, pelos conceitos que engloba: os formantes e as categorias plásticas.

Objetivando verificar como se dá a articulação das dimensões plástica e figurativa em um texto publicitário, muito semelhante, em sua perspectiva, à pintura figurativa, Floch (1981b, p. 22-23) define as *linguagens plásticas* no âmbito da semiótica visual: são “[...] as linguagens visuais que manifestam uma semiótica semissimbólica”²⁴. Da mesma forma que Greimas e Courtés (2011 [1979]), na entrada “semiótica”, e Greimas (1975 [1970]; 1984), o semioticista afirma que “as linguagens semissimbólicas caracterizam-se não pela conformidade de elementos da expressão e do conteúdo isolados, mas pela conformidade de certas categorias desses dois planos” (FLOCH, 1981b, p. 22).

²³ Trecho original: “[...] obéissant à des principes d’organisation autonome, se constituant en formants plastiques qui autorisent à parler de langage plastique”.

²⁴ Para as citações diretas desse texto, optamos por utilizar a tradução de José Luiz Fiorin, “Semiótica plástica e linguagem publicitária”, publicada no nº 6 da revista *Significação* em 1987.

Esse trabalho, como enfatiza Floch (1981b), proporciona um salto teórico para o estudo do semissimbolismo, pois mostra que a junção de uma oposição de expressão e de uma oposição de conteúdo (sistema semissimbólico) pode ocorrer entre linguagens de manifestações diferentes, caso da imagem figurativa e do texto verbal que constituem a propaganda do cigarro *News*. A análise flochiana evidencia que a imagem figurativa e o texto verbal apresentam diferenças na maneira como os sistemas simbólicos remetem ao mundo natural e à língua natural, seja de forma direta seja indireta – a exemplo da oposição entre os tipos de cromatismos que compõem o plano da expressão da imagem e os tipos de consoantes que formam o plano da expressão do texto verbal, ou das oposições semânticas dos valores, que, no plano do conteúdo, são iconizados para serem apreendidos a partir de cenas clichês, isto é, imediatamente reconhecíveis na cultura –, e nos “materiais em que se realizam” (FLOCH, 1981b, p. 23). Além disso, a dimensão visual da peça publicitária analisada, ao explorar a organização figurativa (uso de figuras para recobrir temas) produz efeitos de sentido de verdade, tornando os valores ali presentes próximos de enunciados míticos ou sagrados para persuadir o enunciatário a consumir o produto divulgado. Nota-se, assim, uma aplicação produtiva dos conceitos de semissimbolismo, figuratividade, bem como das categorias plásticas, como o cromatismo, aqui chamado a compor a organização semissimbólica de um texto sincrético.

Em 1983, quando o breve texto “Figures, iconicité et plasticité” é publicado no *Bulletin* nº 26, dedicado à figuratividade, as categorias plásticas já parecem estabelecidas no arcabouço teórico da análise do objeto visual. A figuratividade, por outro lado, ainda é objeto de debate e permanece em processo de identificação do seu real papel na operacionalidade das análises semióticas. A plasticidade, de sua parte, tem uma aplicação teórico-metodológica mais delimitada: pertence aos estudos sobre a visualidade; até pode ser requerida a analisar textos verbais, mas sua contribuição vincula-se, em maior medida, às análises de textos visuais e sincréticos. Mesmo assim, como está em articulação constante com a figuratividade, é convocada a participar da evolução do entendimento de onde esse conceito de fato se situa na construção/reconstrução do(s) sentido(s).

Floch (1983a) relembra a necessidade do analista de, na reconstrução do plano da expressão do objeto visual para fins de análise, tornar a figura de expressão da imagem um significante, a fim de explicar que é dessa forma que as qualidades sensíveis do objeto plástico são “liberadas”. Essa é uma estratégia do visualista voltada a fazer com que o leitor apreenda o sentido de forma mais completa, evitando se prender a uma leitura puramente figurativa. Embora trabalhem juntas na produção dos sentidos, as categorias semânticas dos objetos plásticos precisam ser selecionadas e reiteradas para que o sentido produzido pela plasticidade, portanto, mais abstrato, seja produzido, não desaparecendo por

conta de uma análise que considera traços icônicos de maneira isolada. O objetivo do pesquisador, nesse caso, é garantir que a figuratividade de superfície seja articulada à profunda, conseqüentemente, às categorias plásticas.

Por fim, ao publicar “Bricolage plastique, abstraction classique et abstraction baroque”, em 1987, quando já colaborou, inclusive, com a conceitualização dos termos figuratividade, semiótica plástica e semissimbólico no tomo II do *Sémiotique* (GREIMAS; COURTÉS, 1986), mais uma vez, Floch (1987c) faz uso da estratégia de chamar o texto de “notas de trabalho”, deixando o enunciatário-leitor com liberdade para aceitar, recusar ou desenvolver as ideias ali contidas. Ele cita autores que já passaram pelo ateliê de semiótica visual desde o seu início para apresentar um trabalho que indica o fechamento de um ciclo. Dizemos isso não apenas porque, de certa maneira, “homenageia” os pesquisadores que contribuíram para o avanço da semiótica visual, mas também porque propõe trazer inovações a uma análise de um quadro de Kandinsky que completa quinze anos.

A proposta consiste em atualizar a metodologia de análise de um quadro para que o analista considere aspectos relevantes à constituição da figuratividade profunda desse objeto pictural no interior do sistema semissimbólico. A figuratividade profunda é um recurso investigativo que não existia na década de 1970, e Floch (1987c) entende que elementos do sistema plástico precisam ser observados e reconhecidos tendo em vista as suas recorrências e as equivalências, dados que não são obtidos de imediato. Além disso, retoma as ideias de que é preciso dispensar as figuras redundantes (FLOCH, 1983a) e buscar a constituição plástica em que a análise semântica se despe de figuras iconizadas, reconstruindo o plano da expressão (FLOCH, 1978b) e descartando figuras que possam impedir a identificação dos valores a serem revelados pelas categorias plásticas (formas, planos, linhas e cores).

A análise visada pelo pesquisador coloca a plasticidade, por fim, no centro da construção da significação visual e reclama o uso de todo o conhecimento já produzido no/pelo ateliê de semiótica visual. Além disso, mostra o avanço dos processos: a figuratividade, de acordo com o que foi estabelecido por Rastier, Bertrand e Floch (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 90-91), não é mera produtora de ilusão referencial, como se acreditava nos anos 1970, ela atua em todos os níveis do percurso gerativo e os elementos plásticos constituem a manifestação sensível dos valores, que ganham mais ou menos densidade sêmica conforme são percebidos.

Os textos aqui apresentados revelam, como é possível observar, o aperfeiçoamento teórico nos textos de Floch que tratam dos conceitos de figuratividade, plasticidade e semissimbolismo na revista *Actes Sémiotiques*, e ainda as estratégias do pesquisador para que suas ideias (e do grupo de visualistas) fossem assimiladas pelos demais participantes do GRSL. Na próxima

seção, fazemos uma reflexão sobre a assimilação desses conceitos nas pesquisas do ateliê de semiótica planar/visual.

3. Uma contribuição assimilada

Quando tratamos da questão da influência segundo a abordagem historiográfica (KOERNER, 2014), um dos objetivos é verificar a existência de reconhecimento público do trabalho de um pesquisador. Esse reconhecimento, geralmente, é identificado nas citações diretas e indiretas, nas menções ao nome ou ao trabalho de dado autor, ou seja, por marcações intertextuais e/ou interdiscursivas. Todavia, pode acontecer de a contribuição científica ser concomitante às de outros pesquisadores que integram o mesmo grupo de especialidade ou que debatem sobre o mesmo assunto simultaneamente, levando à circulação de determinada ideia em diferentes canais de comunicação científica. Essa ideia pode então ser observada em diversas publicações sem que seja atribuída autoria a um pesquisador específico, ou seja, sem que seja feita menção ao autor ou ao trabalho de origem, como relatam Moreira, Santos e Portela (2021). Nesse caso, a citação é considerada assimilada porque “fundida ao discurso do enunciado enunciado citante, se configura como a extensão máxima da mistura dos enunciados do texto-citante e do texto-citado” (MOREIRA; SANTOS; PORTELA, 2021, p. 273).

As contribuições flochianas apresentadas neste artigo são exemplos de proposições teóricas que foram assimiladas especialmente pelos membros do ateliê de semiótica visual, na qualidade de frutos de um trabalho coletivo (FLOCH, 1978a, 1978b, 1978c, 1987). Examinando as publicações de Félix Thürlemann (1978a, 1978b, 1981, 1983) nos *Bulletins* nº 4-5, 20 e 26, a título de exemplo, nota-se que os formantes figurativos e plásticos são utilizados nas análises como algo já dado, sem atribuição de autoria. No caso específico do *Bulletin* 4-5, os dois textos desse visualista, subsequentes ao de Floch, dão continuidade às ideias ali já expostas, como sendo ideias do grupo, ou dele, por extensão.

Um dado interessante é que a noção de semissymbolismo é atribuída a Greimas e Courtés (2011 [1979]) tanto em Floch (1978b), nesse caso, antecipando informação que constará no *Dicionário*, como em Thürlemann (1981, p. 41), em nota de rodapé; uma estratégia, aparentemente, de integração definitiva do conceito à metalinguagem da teoria, em que se tem o entendimento de que, se um termo está dicionarizado, faz parte do sistema e pode ser usado sem restrições. Além disso, transformar o *Dicionário* em fonte primária do conceito parece evidenciar que participar de empreendimentos teóricos decorrentes de um trabalho coletivo é mais importante que o reconhecimento individual. Se, em 1979, os destinadores do fazer dos semioticistas são Greimas

e Courtés, em 1986, estes, enquanto organizadores, delegam aos autores de cada verbete esse papel, e Floch comprova a autoridade do discurso teórico até então produzido, como mostram os trabalhos ora analisados, ao tomar para si o verbete “semiótica plástica” e compartilhar a autoria dos verbetes “figuratividade” e “semissimbólico” – o primeiro com Bertrand e Rastier; o segundo com Thürlemann.

A pergunta que surge, diante do que apontamos é: se o trabalho é coletivo e as citações relacionadas aos conceitos teorizados no ateliê no período investigado foram assimiladas, chegando ao ponto de a autoria de ideias serem atribuídas a outros pesquisadores pelos próprios autores – para legitimar o *Dicionário* (GREIMAS; COURTÉS, 1986) como referência, por exemplo –, qual a importância de Floch para a teoria? Em que consiste a originalidade de suas propostas? A resposta nos parece evidente.

Observamos, ao longo deste trabalho, que Floch foi sistematizando as ideias do ateliê e divulgando-as na forma de artigo. A cada trabalho publicado na revista, foi notada uma nova contribuição para cada conceito estudado e, ao mesmo tempo, conforme essas ideias se mostravam enraizadas e bem articuladas à teoria, foram alçadas a compor obras maiores, como *Petites mythologies* (FLOCH, 1985) e *Les formes de l’empreinte* (FLOCH, 1986). Essas obras foram de tal modo aceitas pelos semioticistas que se tornaram basilares. Desse modo, o que essas análises de fato revelam é um sofisticado processo de produção do saber, cada passo dado em direção ao estabelecimento de um conhecimento científico que, em nosso entendimento, culmina na dicionarização dos conceitos pelo próprio autor (ou principal representante de um grupo). Nesse sentido, sim, Floch foi indispensável para que esses conceitos viessem a ser refinados, operacionalizados e difundidos e é original, tendo em vista que conceitos como figuratividade, sistemas semissimbólicos e formantes aparecem pela primeira vez na *AS* em texto de sua autoria: “Quelques positions pour une sémiotique visuelle” (FLOCH, 1978b)²⁵.

Vale lembrar ainda que já em Floch (1979) se encontra a evidência de que sua contribuição não se restringe aos textos visuais e sincréticos, visto ser aplicável à análise de um romance. No prefácio ao *Documents* nº 6, Thürlemann (1979) destaca o caráter transgressor desse trabalho flochiano, pois analisa a plasticidade presente em um texto literário e provoca outros analistas a investigarem as qualidades sensíveis do mundo, recobertas por diferentes grades de leitura figurativa dentro de uma cultura; constatação que possibilitou a Santos (2020, p. 202) afirmar que “[...] mais que transgressora, a obra é *avant-garde*,

²⁵ Essa constatação atualiza a pesquisa de Santos (2020), na qual consta a informação de que “Des couleurs du monde au discours poétique de leurs qualités” (FLOCH, 1979) era o primeiro texto publicado na *AS* em que se fazia menção ao conceito de figuratividade.

visto [também] ser precursora de estudos sobre a natureza sensível do discurso que se faz perceber por meio da figuratividade”.

Dito isso, parece-nos inegável que a presença de Floch na economia geral da teoria e, sobretudo, na construção da metalinguagem voltada à plasticidade dos textos, mas também à figuratividade e ao semissimbólico, é inconteste e permanece atual, haja vista continuar a servir de referência a análises de textos visuais – o trabalho de Stefania Caliandro (2009) é exemplo disso.

À guisa de conclusão

Vimos, ao longo deste artigo, que a trajetória de Floch passa pelo exercício de dois papéis temáticos: de pesquisador e de líder intelectual. O grupo que liderava era pequeno, mas o projeto, ambicioso: desenvolver instrumentos de análise que tornassem possível verificar como se dá a produção de sentido em textos plásticos, sobretudo os visuais. Assim, podemos concluir que os resultados das pesquisas que examinamos configuram registros da evolução do pensamento dos visualistas, em especial de Floch, principal articulador dessas ideias.

Nesse processo de teorização da plasticidade, e a ela se somam a figuratividade e o semissimbolismo, pesquisas de Floch (1979, 1981b, 1983a, 1987) misturam-se às do ateliê de semiótica planar. Elas decorrem dos debates teóricos em torno da plasticidade dos textos e do modo como os formantes plásticos e figurativos se organizam para produzir o sentido, fazer que culmina na constituição do que passou a se chamar “semiótica plástica”, conceito flochiano, como comprova a assinatura – “(J. M. F)” – na entrada “semiótica plástica”, no tomo II do *Dicionário* (GREIMAS; COURTÉS, 1986). Igualmente, o estudo da figuratividade (FLOCH, 1978b, 1979, 1981b, 1983a, 1987) avança em simultaneidade com as investigações que visam à sistematização das análises dos textos plásticos e semissimbólicos. O olhar para as relações semissimbólicas, por sua vez, é nomeado, desenvolvido e teorizado por Floch (1978b, 1979, 1981b, 1987) e pelo seu grupo de visualistas, ganhando maior evidência a partir da aplicação da teoria a análises como a da propaganda do cigarro *News* (FLOCH, 1981b), que reúne todos os conceitos aqui mencionados no processo de reconstrução da significação desse objeto. O último trabalho analisado neste artigo, por fim, ainda acrescenta novos entendimentos sobre a figuratividade nas *AS*, ou seja, que ela perpassa todos os níveis do percurso gerativo do sentido (FLOCH, 1987), e traz um fechamento para esse período de investigação, já que atualiza uma análise realizada no início das atividades do ateliê.

Observamos, por fim, que a recepção dos trabalhos de Floch na Semiótica greimasiana transcendeu o tempo e os espaços, sendo sua presença ainda notada em diferentes instituições e países. Queremos dizer que a metalinguagem resultante de discussões empreendidas no ateliê de semiótica planar/visual permanece atual, mesmo diante das práticas e interações sociais contemporâneas, que tanto se oferecem como novos objetos a serem examinados quanto suscitam a revisão das perspectivas teóricas. Essa presença, inclusive, estimulou outros pesquisadores a

complementarem a gama de categorias plásticas encontradas em Floch (1979), caso da categoria matérica²⁶, contribuição de Oliveira (2004) e de Thürlemann (2004). ●

Referências

- ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1998.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.
- BERTRAND, Denis. Introduction. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 26, p. 3-4, 1983.
- CALIANDRO, Stefania. O semi-simbólico na arte. *Estudos Semióticos*, v. 5, n. 1, p. 1-8, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2009.49221>. Acesso em: 01 abr. 2023.
- CORRAIN, Lucia; VALENTI, Mario. (org.). *Leggere l'opera d'arte*. Dal figurativo all'astratto. Bologna: Esculapio, 1991.
- COURTÉS, Joseph. *Le conte populaire: poétique et mythologie*. Paris : PUF, 1986.
- DONDERO, Maria Giulia. *The language of images: the forms and the forces*. New York: Springer International Publishing, 2020.
- FLOCH, Jean-Marie. Bricolage plastique, abstraction classique et abstraction baroque. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 44, p. 41-45, 1987c.
- FLOCH, Jean-Marie. Compte-rendu des activités de l'atelier de sémiotique planaire. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 6, p. 17, 1978c.
- FLOCH, Jean-Marie. Des couleurs du monde au discours poétique de leurs qualités. *Actes Sémiotiques : Documents*, n. 6, p. 7-31, 1979.
- FLOCH, Jean-Marie. Figures, iconicité et plasticité. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 26, p. 5-7, 1983a.
- FLOCH, Jean-Marie. Introduction. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 4-5, p. 1, 1978a.
- FLOCH, Jean-Marie. La génération d'un espace commercial. *Actes Sémiotiques : Documents*, n. 87, p. 5-29, 1987a.
- FLOCH, Jean-Marie. *Les formes de l'empreinte: Brandt, Cartier-Bresson, Doisneau, Stieglitz, Strandt*. Périgueux : Fanlac, 1986.
- FLOCH, Jean-Marie. Lettre aux sémioticiens de la terre ferme. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 37, p. 7-14, 1986.
- FLOCH, Jean-Marie. L'iconicité : enjeu d'une énonciation manipulatoire. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 23, p. 19-38, 1982.
- FLOCH, Jean-Marie. *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit*. Paris : Hadès; Amsterdam: Benjamins, 1985.
- FLOCH, Jean-Marie. Quelques positions pour une sémiotique visuelle. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 4-5, p. 1-16, 1978b.
- FLOCH, Jean-Marie. Semiótica plástica e linguagem publicitária. Trad. José Luiz Fiorin. *Significação*, n. 6, p. 29-50, 1987b. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1985.90495>. Acesso em: 01 abr. 2023.
- FLOCH, Jean-Marie. Sémiotique plastique et langage publicitaire. *Actes Sémiotiques : Documents*, n. 26, p. 7-27, 1981b.

²⁶ Segundo Oliveira (2004), a categoria matérica associa-se às categorias eidética, cromática e topológica na medida em que é chamada a examinar a materialidade do significante do objeto pictural – a textura, por exemplo. Com essa nova categoria, é proposto um esquema metodológico que parte “[...] do estudo dos ícones manifestos no nível superficial da expressão, das figuras que se manifestam no nível intermediário [...]” para chegar aos “[...] traços não figurativos, os formantes, no nível da estrutura profunda do plano de expressão.” (OLIVEIRA, 2004, p.118).

- FLOCH, Jean-Marie. Stratégies de communication syncrétique. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 27, p. 3-8, 1983b.
- FLOCH, Jean-Marie. Sur l'usage du terme *parcours* dans le discours sémiotique. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 18, p. 9-15, 1981a.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2011 [1979].
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e Ciências Sociais*. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Cultrix, 1981 [1976].
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (dir.). *Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris : Hachette, 1986. t. 2.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Sémiotique figurative et sémiotique plastique. *Actes Sémiotiques : Documents*, n. 60, p. 5-24, 1984.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido*. ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975 [1970].
- GROUPE μ. *Traité du Signe Visuel*. Pour une rhétorique de l'image. Paris : Seuil, 1992.
- KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. O problema da 'influência' na historiografia linguística. In: KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. *Quatro décadas de historiografia linguística*. estudos selecionados. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, 2014. (Coleção Linguística 11). p. 91-102.
- MOREIRA, Patricia Veronica; SANTOS, Flavia Karla Ribeiro; PORTELA, Jean Cristtus. A citação em textos científicos: uma análise semio-histórica do argumento de influência. *Estudos Linguísticos*, v. 50, n. 1, p. 262-280, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v50i1.2945>. Acesso em: 12 jul. 2022.
- MURRAY, Stephen O. *Theory groups and the study of language in North America: A Social History*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994.
- PEZZINI, Isabella. *Immagini quotidiane: sociosemiotica visuale*. Bari: Editori Laterza, 2008.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker, 2004.
- RASTIER, François; BERTRAND, Denis; FLOCH, Jean-Marie. Figurativité. In: GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (dir.). *Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1986. t. 2. p. 90-91.
- SANTOS, Flavia Karla Ribeiro. *O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/192989>. Acesso em: 21 mai. 2023.
- THÜRLEMANN, Felix. Avant-propos. *Actes Sémiotiques: Documents*, n. 6, p. 3-4, 1979.
- THÜRLEMANN, Felix. Blumen-Mythos (1918) de Paul Klee. In: HÉNAULT, Anne ; BEYAERT, Anne (éd.). *Ateliers de sémiotique visuelle*. Paris : PUF, 2004. p. 13-40.
- THÜRLEMANN, Felix. Comment peut-on parler des couleurs ? *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 4-5, p. 17-20, 1978a.
- THÜRLEMANN, Felix. Les gammes chromatiques dans le paysage flamand du XVIII^e siècle. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 4-5, p. 21-26, 1978b.
- THÜRLEMANN, Felix. La double spatialité en peinture: espace simulé et topologie planaire. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 20, p. 34-46, 1981.
- THÜRLEMANN, Felix. Symbolisme conventionnel et production du symbolique. *Actes Sémiotiques : Bulletin*, n. 26, p. 37-38, 1983.
- ZEMSZ, Abraham. Les optiques cohérentes. *Revue d'Esthétique*, v. 20, n. 1, p. 40-73, 1967.

Floch's legacy about figurativity, plasticity and semisymbolism in the journal *Actes Sémiotiques*

 SANTOS, Flavia Karla Ribeiro

 PORTELA, Jean Cristtus

Abstract: In this article, we investigate the discursive practices and strategies used by Floch in the dissemination of his scientific contribution to the studies on the plasticity of texts in the journal *Actes Sémiotiques*, from 1970 to the late 1980s. As the works of this researcher brought results, to a great extent, of the discussions undertaken by the participants of the Visual Semiotics workshop in Paris at the time, we also verified how public recognition of his ideas takes place (KOERNER, 2014; MOREIRA; SANTOS; PORTELA, 2021) in the same scientific journal. We conclude that the Flochian production, in the investigated period, is inserted in a climate of opinion very interested in the elaboration of a theoretical-methodological apparatus that would make it possible to investigate with greater acuity operative concepts – such as figurativity, semisymbolism and (plastic and figurative) formant – related to the constitution of a planar (later, visual) Semiotics, which provided a positive reception to his theoretical propositions by the members of GRSL, being thus assimilated both by visualists and participants of other ateliers and groups, making his propositions fundamental (SANTOS, 2020).

Keywords: *Actes Sémiotiques*; figurativity; Floch; plasticity; semisymbolism.

Como citar este artigo

SANTOS, Flávia Karla Ribeiro; PORTELA, Jean Cristtus. O legado de Floch sobre figuratividade, plasticidade e semissimbolismo na revista *Actes Sémiotiques. Estudos Semióticos* [online], vol. 19, n. 2. São Paulo, agosto de 2023. p. 68-86. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

SANTOS, Flávia Karla Ribeiro; PORTELA, Jean Cristtus. O legado de Floch sobre figuratividade, plasticidade e semissimbolismo na revista *Actes Sémiotiques. Estudos Semióticos* [online], vol. 19, issue 2. São Paulo, August 2023. p. 68-86. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 03/02/2023.

Data de aprovação do artigo: 07/03/2023.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

